



*Sherlock Holmes*  
*em:*  
*O círculo vermelho*

*Por Sir Arthur Conan Doyle*

*PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)*

*CPTurbo.org*

— Com franqueza, sra. Warren, não vejo qualquer motivo para estar inquieta, nem vejo por que eu deveria intervir neste assunto. O meu tempo é precioso e tenho outras coisas em que me ocupar.

Assim se exprimiu Sherlock Holmes, e voltou a absorver-se em seu enorme álbum de recortes, no qual estava incluindo e classificando novo material. Mas a senhoria tinha a pertinácia e também a astúcia característica de seu sexo, e não se deu por vencida.

— No ano passado, o senhor resolveu uma dificuldade para um pensionista meu, o sr. Fairdale Hobbs — insistiu ela.

— Ah, sim!... Coisa muito .simples.

— Todavia, ele não se cansa de falar nisso... sua gentileza e a maneira como o senhor esclareceu tão obscuro assunto. Lembrei-me das palavras dele, quando eu própria me vi envolvida na dúvida e na escuridão. Estou certa de que, se quisesse, poderia ajudar-me.

Holmes era acessível pelo lado da lisonja e também, façamos-lhe justiça, pelo da cortesia. Essas duas forças conjugadas fizeram-no pôr de lado o pincel de goma-arábica, com um suspiro de resignação, e recostar-se na cadeira.

— Está bem, sra. Warren, ouçamos o caso. O fumo não a incomoda? Obrigado, Watson... Os fósforos, por favor! Se não me engano, a senhora está preocupada porque seu novo inquilino se fecha no quarto e a senhora não consegue vê-lo. Ora, se eu fosse seu pensionista, garanto-lhe que não me veria durante semanas a fio.

— Não duvido, sr. Holmes; mas o caso aqui é diferente! Ando apavorada, não consigo pregar o olho, tal é meu medo. Ouvir o ruído dos passos nervosos, de um lado para outro, desde manha cedo até altas horas da noite, e não avistá-lo um momento sequer... está além de minhas forças. Meu marido está tão impressionado como eu; mas ele trabalha fora o dia todo, ao passo que eu não tenho um instante de sossego. Por que vive escondido? Que terá feito? Com exceção da criada, fico todo o santo dia sozinha com ele em casa, e sinto que meus nervos não poderão suportar por muito tempo tal situação.

Holmes inclinou-se para a frente e pousou os dedos longos e finos sobre os ombros da mulher. Quando desejava, possuía um poder quase hipnótico de acalmar o próximo. Toda a expressão de temor desapareceu dos olhos dela, e as feições agitadas tranqüilizaram-se e readquiriram a aparência normal. Ela sentou-se na cadeira que ele lhe indicara.

— Se me encarregar deste caso, será preciso pôr-me a par de todos os pormenores — advertiu. — Reflita com calma. A mais simples minúcia pode ser essencial. A senhora disse que esse homem apareceu há dez dias e pagou duas semanas adiantadas de quarto e comida?

— Perguntou-me quais eram as condições, e eu lhe respondi: "Cinqüenta

xelins por semana". No sótão da casa existe uma salinha e um quarto de dormir, ambos mobiliados.

— E então?

— Ele afirmou que pagaria cinco libras por semana se eu aceitasse suas condições. Que havia de fazer? Sou pobre, sr. Holmes; meu marido ganha pouco e esse dinheiro significava muito para mim. Tirou uma nota de dez libras do bolso e mostrou-a. "Terá outro tanto de quinze em quinze dias, durante muito tempo, se atender às minhas condições", disse-me. "Se não quiser, nada mais teremos a conversar."

— E quais eram essas condições?

— Bem, ele queria ter a chave da casa. Até aí, nada de extraordinário, pois os pensionistas habitualmente a têm. Além disso, devia deixá-lo inteiramente só, e nunca perturbá-lo sob nenhum pretexto.

— Nada vejo de extravagante nisso.

— Parece razoável, sr. Holmes. Entretanto, isso excede todos os limites do bom senso. Há dez dias ele vive ali, e nem meu marido, nem eu, nem a criada, conseguimos pôr lhe os olhos em cima uma única vez. Ouvimos seu andar rápido, de um lado para outro, noite e dia, sem cessar, pois nunca mais saiu de casa, exceto na primeira noite.

— Ah! Então saiu na primeira noite?

— Sim, senhor, e voltou muito tarde, depois de todos nos encontrarmos já deitados. Avisou-me disso depois de ter alugado o apartamento, e pediu-me que não trancasse a porta. Ouvi-o subir as escadas quando já passava da meia-noite.

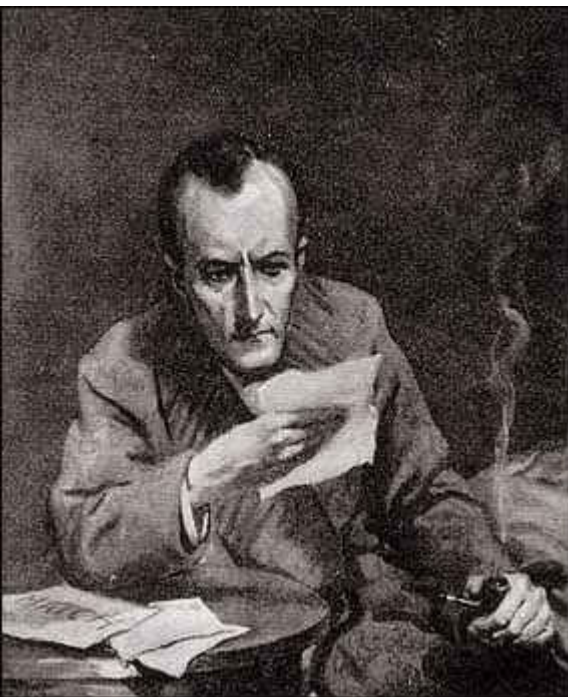
— E as refeições?

— Recomendou-me expressamente que, quando tocasse a campainha, deveríamos colocar a refeição sobre uma cadeira do lado de fora da porta. Quando terminasse, tocaria de novo, e nós retiraríamos os pratos da mesma cadeira. Se tem necessidade de

alguma coisa, escreve em letra de forma num pedaço de papel e coloca-o do lado de fora.

— Em letra de forma?

— Sim, senhor. Escreve em letra de forma e a lápis a coisa que deseja, e nada mais. Aqui está um desses pedacinhos de papel que eu trouxe para lhe



mostrar: SABÃO. Eis outro: FÓSFORO. Este ele deixou na primeira manhã: DAILY GAZETTE. Entrego-lhe esse jornal todas as manhãs, com a primeira refeição.

— Caramba, Watson! — exclamou Holmes, fitando com grande curiosidade os pedacinhos de papel que a sra. Warren lhe entregara. — Este é na verdade um caso muito estranho. A reclusão eu compreendo, mas por que escrever em letra de forma? Dá mais trabalho. Por que não escrever, simplesmente, em caracteres normais? Que significa isso, Watson?

— Ele não quer revelar a própria letra.

— Mas qual será o motivo? Que importância pode ter para ele que sua senhoria veja uma palavra escrita com sua caligrafia? É possível, contudo, que seja como você diz. Mas qual a razão de mensagens tão lacônicas?

— Não consigo entender.

— Isso abre um agradável campo à especulação inteligente. As palavras foram escritas com lápis grosso, de tipo comum. Repare que o papel foi rasgado nesse ponto, depois de a palavra ter sido escrita, de modo que o s de sabão está cortado ao meio. Sugestivo, não lhe parece, Watson?

— Ele o teria feito por precaução?

— Exatamente. Havia provavelmente qualquer sinal, qualquer impressão digital, qualquer coisa, enfim, que poderia trair-lhe a identidade. Escute, sra. Warren, a senhora afirma que esse homem é de estatura mediana, moreno e usa barba. Que idade terá ele?

— Deve ser ainda novo... não deve ter mais de trinta anos.

— Muito bem, pode dar-me outras indicações?

— Fala inglês corretamente, porém pelo sotaque parece-me estrangeiro.

— E estava bem vestido?

— Elegantemente vestido... um perfeito cavalheiro. Usava roupa escura... nada que desse na vista.

— Não deu o nome?

— Não.

— E não tem recebido cartas ou visitas?

— Absolutamente nada.

— Mas, naturalmente, a senhora ou a criada entram no quarto pela manhã, não é verdade?

— Não; ele próprio cuida de tudo.

— Santo Deus! É sem dúvida extraordinário. E quanto à bagagem?

— Trazia apenas uma enorme mala castanha... nada mais.

— Bem, parece que não contamos com muito material. Tem certeza de não ter saído nada do aposento... absolutamente nada?

A sra. Warren extraiu da bolsa um envelope, do qual fez cair sobre a mesa dois fósforos queimados e uma ponta de cigarro.

— Estavam na bandeja hoje de manhã. Trouxe-os porque ouvi dizer que o senhor é capaz de descobrir grandes coisas através de simples ninharias.

Holmes encolheu os ombros.

— Não vejo nada de significativo nisso — observou. — Esses fósforos foram evidentemente usados para acender cigarros, o que se pode verificar pelo pequeno tamanho da parte queimada. Para acender um cachimbo ou um charuto, consome-se metade do fósforo. Mas, por Deus, esta ponta de cigarro é muito interessante! Se não me engano, a senhora disse que seu pensionista usa barba e bigode, não é?

— Sim.

— É estranho! Eu diria que este cigarro só podia ter sido fumado por uma pessoa de rosto barbeado. Caramba, Watson! Até seu modesto bigode se teria chamuscado.

— Talvez tivesse usado boquilha — sugeri.

— Não, não; a extremidade indica o contrário, não é possível haver duas pessoas no quarto, sra. Warren?

— Não, sr. Holmes. Ele come tão pouco, que às vezes pergunto a mim própria como consegue manter-se em pé.

— Está bem; creio que vamos ter de esperar até possuímos outro elemento. Afinal de contas, a senhora não tem do que se queixar. O aluguel está pago, e não se pode dizer que ele seja um inquilino incômodo, apesar de estranho. Ele lhe paga regiamente, e, se deseja manter-se oculto, a senhora não tem o direito de interferir. Não temos o menor pretexto para violar sua clausura, até que surja qualquer razão para pensarmos que existe no fato um motivo criminoso. Aceito a investigação deste caso, e pode ficar descansada que farei o possível para resolvê-lo. Comunique-me se acontecer algo de novo, e conte com meu auxílio, se dele tiver necessidade.

Depois de a senhoria ter saído, Holmes declarou:

— Incontestavelmente, Watson, este caso oferece aspectos interessantes. Pode, é claro, não ter significado nenhum, e tratar-se apenas de mera extravagância individual, mas pode também ser muito mais profundo do que parece à primeira vista. A idéia que nos acode de imediato ao espírito é certamente a possibilidade de que naquele quarto esteja morando uma pessoa inteiramente diversa da que o alugou.

— Por que supõe tal coisa?

— Ora, pondo de parte a ponta de cigarro, não é curioso que a única vez que o pensionista saiu fosse logo depois de ter alugado o quarto? Ele voltou... ou melhor, alguém voltou, quando todos estavam dormindo. Não possuímos prova alguma de que a pessoa que regressou tenha sido a mesma que saiu. Além disso, o pensionista falava bem inglês. Todavia, este outro escreve "fósforo", quando devia ter escrito "fósforos". Suponho que a palavra tenha sido tirada de um dicionário, onde os vocábulos aparecem apenas no singular. O estilo lacônico talvez esconda a ignorância da língua inglesa. Sim, Watson, há bons motivos para suspeitar de que tenha havido uma troca de inquilinos.

— Mas com que intenção?

— Ah! Eis o problema. Sem dúvida, a linha de investigação a seguir apresenta-se bastante clara — disse meu amigo, retirando da estante um grosso álbum, no qual colava, diariamente, a seção dos principais jornais londrinos reservada a avisos de pessoas desaparecidas.

"Deus meu!", exclamou, folheando-lhe as páginas. "Que coro de gemidos, choros e lamentações! Que amontoado de acontecimentos estranhos! Todavia, este é sem dúvida o campo mais precioso que jamais houve para quem se dedica ao estudo dos fatos extraordinários! A pessoa que nos interessa encontra-se só, e não pode receber cartas sem quebra do absoluto sigilo que as circunstâncias lhe impõem. Como pode chegar até ela uma notícia ou qualquer recado do mundo exterior? Ao certo, por meio de anúncios publicados num jornal. Não parece haver outra solução, e felizmente já sabemos qual é esse jornal. Aqui estão os recortes do Daily Gazette dos últimos quinze dias: 'Senhora com uma estola preta no Prince's Shating Club...', podemos passar adiante. 'Certamente Jimmy não quererá despedaçar o coração de sua mãe. . .', isso parece não ter importância. 'Se a dama que desfaleceu no ônibus de Brixton. . .', não me interessa. 'Todo dia meu coração anseia. . .' Lamentações, Watson, lamentações infundáveis. Ah!, eis algo mais provável. Ouça isto: 'Tenha paciência. Encontrarei qualquer meio seguro de comunicação. Por enquanto, esta coluna. — G.' Este anúncio foi publicado dois dias depois da chegada do inquilino da sra. Warren. Não parece plausível? O nosso ente misterioso podia entender inglês, apesar de só saber escrever em letra de forma. Vamos ver se encontramos mais alguma coisa. Sim, aqui está... três dias mais tarde: 'Estou tomando providências. Paciência e cautela. As nuvens passarão. — G.' Uma semana em branco depois desse aviso. Vem em seguida



algo mais definido: 'O caminho está se tornando mais claro. Se me for possível escrever em código, lembre-se do combinado: um, a; dois, B; e assim por diante. Terá notícias em breve. — G.' Isso veio no jornal de ontem; o de hoje não traz nada. Parece-me muito apropriado ao pensionista da sra. Warren. Se esperarmos um pouco, Watson, creio que o caso se tornará mais inteligível."

E, de fato, assim sucedeu, pois na manhã seguinte encontrei meu amigo em pé, junto à lareira, com as costas voltadas para o fogo e um sorriso radioso de satisfação que lhe iluminava o rosto.

— Que pensa disto, Watson? — gritou, apanhando o jornal de cima da mesa.  
— "Casa alta, de tijolos vermelhos, com remates de pedra branca. Terceiro andar. Segunda janela à esquerda. Depois do crepúsculo. — G." Parece-me bastante claro. Acho que depois do almoço devemos fazer um pequeno reconhecimento pelos arredores da casa da sra. Warren. Ah, minha cara senhora, que notícias nos traz? Nossa cliente entrara de improviso na sala, com uma energia tão explosiva, que nos indicava ter ocorrido um fato novo e inesperado.

— É caso de polícia, sr. Holmes! — berrou. — Não quero saber de mais nada! Ele terá de sair de lá! Imediatamente, com bagagem e tudo. Ia falar com ele diretamente, mas achei melhor ouvir sua opinião primeiro. Minha paciência está esgotada, e quando penso que chegaram a bater em meu marido...

— Bateram em seu marido?

— Maltrataram-no.

— Mas quem o maltratou?

— Ah! É isso que nós queríamos saber! Aconteceu hoje muito cedo. Meu marido é encarregado do livro de ponto da firma Morton & Waylight, na Tottenham Court Road. Costuma chegar à fábrica antes das sete. Ora, hoje de manhã, não dera ainda dez passos pela rua quando dois homens o atacaram pelas costas, lhe puseram um pano sobre a cabeça e o jogaram dentro de um carro parado junto à calçada. Depois de rodarem com ele durante uma hora, abriram a porta e empurraram-no para fora. Ele ficou tão tonto com a queda que nem chegou a ver o destino do carro. Ao voltar a si, verificou que estava em Hampestead Heath; então, tomou um ônibus e foi para casa, e lá o deixei, deitado no sofá, para vir imediatamente procurá-lo a fim de lhe contar o sucedido.

— Muito interessante — comentou Holmes. — Ele chegou a observar a aparência desses homens... Ouviu-os falar?

— Não; está completamente aturdido. Sabe apenas que se sentiu levantado do chão como num passe de mágica, e devolvido à terra como por encanto. Os atacantes eram pelo menos dois ou três.

— E a senhora relaciona essa agressão com seu pensionista?

— Ora, nós moramos lá há quinze anos e nunca nos sucederam tais coisas. Já estou farta dele. Afinal, o dinheiro não é tudo. Farei com que saia de minha casa antes do anoitecer.

— Um momento, sra. Warren. Não aja precipitadamente. Começo a suspeitar de que essa história é mais importante do que parecia à primeira vista. É evidente, agora, que algum perigo ameaça seu inquilino. E é igualmente evidente que seus inimigos, que se encontravam à espera dele nas proximidades da casa, confundiram seu marido com ele, devido ao nevoeiro matinal. Ao perceberem o engano, soltaram-no. Quanto ao que teriam feito se não tivessem se enganado, só nos resta conjecturar.

— Diga-me então o que devo fazer, sr. Holmes.

— Desejaria muito ver seu pensionista, sra. Warren.

— Não sei como poderá fazê-lo, a menos que arrombe a porta. Ouço-o sempre abrindo-a, quando desço a escada depois de deixar a bandeja sobre a cadeira.

— Ele precisa recolher a bandeja. Certamente podemos esconder-nos e vê-lo nessa ocasião.

A senhoria refletiu um instante.

— Há um pequeno quarto em frente. Poderia talvez colocar um espelho, de forma que, se o senhor estivesse atrás da porta...

— Ótimo! — exclamou Holmes. — A que horas ele almoça?

— Por volta da uma.

— Então o dr. Watson e eu estaremos lá a tempo. Passe bem.

Ao meio-dia e meia, subíamos as escadas da casa da sra. Warren — um prédio de tijolos amarelos, alto e esguio, na Great Orme Street, uma viela estreita situada a noroeste do Museu Britânico. Como fica na esquina, esse edifício permite uma boa visão da Howe Street, com suas casas mais requintadas. Holmes apontou-me, sorrindo, uma delas, que se salientava pela altura numa fileira de prédios de apartamentos.

— Veja, Watson! — observou. — "Casa alta, de tijolos vermelhos, com remates de pedra branca." É aquele, sem dúvida, o posto de sinalização. Já conhecemos a casa e o código; o resto é simples. Há um cartaz com "Alugue-se" naquela janela. Trata-se evidentemente de um apartamento vazio, ao qual



o cúmplice tem acesso. Então, sra. Warren, quais são as novidades?

— Está tudo pronto. Se quiserem subir agora, eu os conduzirei até lá. É melhor deixarem os sapatos aqui embaixo.

Ela arranjara um excelente esconderijo. O espelho fora colocado de tal modo que, sentados no escuro, podíamos ver distintamente a porta em frente. Mal nos tínhamos instalado ali, depois de a sra. Warren ter se retirado, um tinir distante anunciou que nosso misterioso vizinho tocara a campainha. Logo em



seguida, a senhoria apareceu com a bandeja, colocou-a sobre a cadeira junto da porta fechada e retirou-se a passos firmes. Acocorados um ao lado do outro, no ângulo da porta, não perdíamos de vista o espelho. Subitamente, enquanto o ruído dos passos da sra. Warren se extinguia no andar inferior, ouvimos o ranger de uma chave girando na fechadura, vimos a porta entreabrir-se e duas mãos finas introduziram-se velozes na fresta e levantaram a bandeja da cadeira. Quase no mesmo instante, porém, largaram-na precipitadamente, e eu vislumbrei, numa visão fugidia, um lindo rosto moreno, horrorizado, fitando a estreita abertura da porta do quarto onde nos encontrávamos. Em seguida, a porta fechou-se com estrondo, a chave girou novamente na fechadura e tudo ficou em silêncio. Holmes puxou-me pela manga do casaco e juntos descemos sorratamente a escada.

— Voltarei à noitinha — disse ele para a sra. Warren, que nos esperava, ansiosa.

— Creio, Watson, que poderemos discutir melhor a situação em nossa casa. "Minha hipótese, como vê, provou estar certa", observou-me, falando das profundezas de sua cômoda poltrona. "Houve uma substituição de inquilinos. O que não previ, Watson, era que fôssemos encontrar uma dama e, por sinal, uma dama invulgar."

— Ela nos viu.

— De qualquer modo, viu algo que a alarmou. Isso é evidente. A seqüência dos acontecimentos parece agora bastante clara, não acha? Um casal procura refúgio em Londres devido a um perigo terrível e iminente. Podemos avaliar esse perigo pelo rigor de suas precauções. O homem tem um trabalho qualquer que precisa executar, e deseja conservar a mulher rodeada de segurança, enquanto desempenha sua missão. O problema não era fácil, e no entanto ele o resolveu de maneira original, e com tanta eficiência, que a presença da mulher é desconhecida até da dona da casa, encarregada de lhe levar as refeições. Explicam-se, assim, as mensagens em letra de forma: serviam para impedir que lhe descobrissem o sexo pela caligrafia. O homem não podia aproximar-se da mulher, pois desse modo a deixaria à mercê de seus inimigos. Sem possibilidade de se comunicar diretamente com ela, recorreu à coluna especial de um diário. Até aqui, tudo está claro.

— Mas o que há por trás disso tudo?

— Ah! Muito bem, Watson! Você, como sempre, se mostra essencialmente prático! O que há por trás disso tudo? O problema da sra. Warren, extravagante e algo cômico na aparência, aumenta de proporções e assume um aspecto mais sinistro à medida que avançamos em nossas pesquisas. Uma coisa podemos afirmar: não se trata de um simples caso de fuga amorosa. Você viu a expressão no rosto daquela mulher diante do possível perigo. Por outro lado, sabemos da agressão contra o dono da casa, a qual, sem dúvida, se destinava ao pensionista. Tais pormenores, e o impenetrável segredo de que procuram rodear-se, fazem-nos acreditar que estamos diante de um caso de vida ou morte. O ataque contra o sr. Warren demonstra ainda que os próprios inimigos, sejam quem forem, não deram pela troca de inquilinos. O caso é muito curioso e complexo, Watson.

— Que razão tem você para levar avante a investigação? Que terá a ganhar com isso?

— Ora essa! E o amor à arte, Watson? Suponho que, quando você se formou, teve ocasião de estudar casos sem pensar na parte pecuniária.

— Tratava-se de enriquecer minha cultura, Holmes.

— Não há limite para a cultura, Watson. Ela constitui uma série de lições, das quais a maior é sempre a última. Esse é um caso instrutivo. Ainda que não me traga dinheiro, nem fama, vale a pena resolvê-lo. Ao anoitecer, teremos dado mais um passo para sua completa elucidação.

Quando regressamos à casa da sra. Warren, a vaga tristeza de uma noite hibernal adensara-se numa cortina cinzenta, que envolvia tudo na monotonia de sua cor mortíça, quebrada aqui e ali pelos nítidos retângulos amarelos das janelas iluminadas e pela claridade baça dos lampiões de gás. Ao espreitarmos pela janela, do interior sombrio da sala de estar da pensão, uma luz mais tênue tremeluziu alta na escuridão da noite.

— Alguém se move naquele quarto — murmurou Holmes, encostando o rosto magro e atento à vidraça. — Sim, vejo sua sombra. Ei-lo de novo! Tem uma vela acesa na mão. Está olhando para cá. Quer ter a certeza de que ela está alerta. Agora começa a fazer sinais com a luz. Tome nota também da mensagem, Watson, a fim de que possamos comparar depois os resultados. Um lampejo apenas — é um a certamente. Atenção, agora! Quantos contou? Vinte. Exatamente, deve significar T. E agora? Outro T. Provavelmente, vai iniciar uma segunda palavra. Adiante... TENTA. Parou. Não pode ter acabado! ATTENTA não tem sentido em inglês. Nem dividindo em três palavras. . . AT. TEN. TA, salvo se T.A. corresponde às iniciais de alguém. Lá está ele de novo! Mas o que é isso? ATTE... Com os diabos! Trata-se ainda da mesma mensagem. Estranho, Watson, muito estranho! Ei-lo que recomeça! AT...ora, está repetindo a mesma coisa pela terceira vez. ATTENTA, três vezes!

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

